

# ÀS MARGENS DA HISTÓRIA: O PROJETO POLÍTICO-LITERÁRIO DE LIMA BARRETO<sup>1</sup>

**Cristiane da Silveira**

Doutoranda em História pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo.

<sup>1</sup> As discussões fazem parte das análises realizadas na Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, intitulada: *O alvorecer da República sob o olhar interpretativo de Lima Barreto*, orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Christina da Silva Roquette Lopreato.

**RESUMO:** Este artigo possui como objetivo pontuar alguns aspectos da produção literária de Lima Barreto, especialmente sua posição política-social e suas reflexões sobre a literatura como instrumento de transformação social. O artigo procura discutir a atuação do escritor em seu tempo, que, aparentemente, viveu à "margem" intelectual e social, no entanto, um olhar mais atento revela forte atuação política.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Lima Barreto. Primeira República.

**ABSTRACT:** This article has as objective to score some aspects of literary production of Lima Barreto, especially its social-political position and his reflections on literature as an instrument of social transformation during the First Republic in Brazil. The article tries to discuss the performance of the writer in his time, which, apparently, lived the "margin" intellectual and social. However, a closer look reveals strong policy performance.

**KEYWORDS:** Literature. Lima Barreto. First Republic

A atualidade do testemunho histórico e da produção literária de Lima Barreto vem despertando crescente interesse entre pesquisadores, pois se constitui como voz singular de seu tempo. A produção do escritor traz a tona sentimentos instigados pelo fim da escravidão negra e o advento da República, num misto de alegria, tristeza e incerteza dos dias por vir. Alegria, por ser um momento em que muitos acreditavam que o país se acertaria e caminharia em passos firmes para uma realidade de modernidade e progresso. Tristeza, pois, muito cedo os tipos marginais, leia-se aqui: ex-escravos, homens e mulheres pobres e mulatos começaram a perceber que ainda não chegara o momento de uma realidade menos opressora e com melhores possibilidades de inserção na sociedade brasileira. A incerteza pairava porque os tipos marginais não conheciam seu lugar numa sociedade que se desejava moderna e limpa de sujeitos indesejáveis para seu desenvolvimento social e político.

Lima Barreto permite novo olhar sobre as desilusões dos “marginais”, na busca pela afirmação social e política por meio das manifestações de sensibilidades de sujeitos que incorporaram os ideais apregoados pelos gestores da República de maneira particular.

Optamos por dividir o texto em duas partes: na primeira, trazemos à tona a trajetória do sujeito histórico que transpôs barreiras sociais de seu tempo, fazendo-se cidadão ativo por meio da escrita. Na segunda parte, analisamos o projeto de literatura contido na obra do escritor com vistas às transformações político-sociais necessárias para o desenvolvimento do país.

## RESSENTIMENTO EM LIMA BARRETO: UMA QUESTÃO A SER DISCUTIDA

Muitos críticos de Lima Barreto buscaram enquadrá-lo em esquemas de interpretação rígido, no entanto, como analisa Denilson Botelho, o escritor pode ser considerado tanto maximalista, como anarquista ou socialista, não se prendendo de fato a nenhum desses movimentos, sendo, sim, um atuante político em defesa dos oprimidos:

O mais apropriado seria admitirmos que tamanha era a sua insatisfação e sua crítica em relação ao capitalismo, que a vontade de subvertê-lo era capaz de mantê-lo permanentemente mobilizado nesse sentido. Para isso, aceitava ser chamado e até mesmo se autodenominava anarquista, maximalista ou socialista, por exemplo, mas porque não suportava viver numa sociedade marcada por profundas e desumanas desigualdades de toda a ordem. (BOTELHO, 2002, p.159)

Na vida de Lima Barreto entram em cena: sentimentos de marginalidade versus pertencimento aos espaços da cidade; a trajetória como amanuense na Secretaria de Guerra versus o desejo do reconhecimento como grande escritor; as lembranças da Monarquia versus a vivência na República. Enfim, a trajetória do escritor mulato e boêmio revela incessante busca por romper com pré-conceitos que diziam respeito, principalmente, à cor e à posição econômico-social dos cidadãos.<sup>2</sup>

Com o advento da República e o sonho de se construir uma

---

<sup>2</sup> Essa afirmativa tem como base as análises de alguns romances do escritor considerados autobiográficos e da sua biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa. A esse respeito ver: BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993; BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro: São Paulo: Biblioteca Folha 18, 1997; BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M.J Gonzaga e Sá*. São Paulo: Ática, 1997; BARRETO, Lima. *Diário Intimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956 e BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto 1881-1922*. 7ª ed., Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1988.

sociedade democrática e moderna iniciava-se no Brasil processo de moralização dos costumes e dos espaços sociais urbanos. O Rio de Janeiro foi, de todas as cidades brasileiras, a primeira a sentir as fortes transformações sociais e políticas que iriam ocorrer durante todo o século XX.<sup>3</sup>

Neste contexto de reformulação social e política, apesar do discurso que pregava a democracia e a igualdade, nem todos os homens eram considerados iguais entre si. A cor da pele e a condição econômica conferiam aos cidadãos lugares pré-determinados na sociedade. Uma inteligência negra dificilmente conseguiria cunhar lugar de destaque no meio intelectual, principalmente, caso não se ajustasse aos ideais defendidos pelos literatos contemporâneos da Primeira República no Brasil.<sup>4</sup> No entanto, a atuação e a perspicácia de Lima Barreto se mostrou como arma contra as mazelas impostas pelas elites que se diziam cultas, mas que não conseguiram transpor os limites da cordialidade, das relações de parentesco e de amizade quando se tratava do reconhecimento intelectual:

Os livros na redação têm a mais desgraçada sorte se não são recomendados e apadrinhados convenientemente. Ao receber um, lê-se-lhe o título e o nome do autor. Se é de autor consagrado ou da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas, aqueles elogios cliché que nada dizem da obra e dos seus intuítos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o cliché é outro, elogioso sempre mas não afetuoso nem entusiasmático.

[...] Com os nomes novos não havia exaltações, calava-se ou dava-se uma notícia anódina, “recebemos, et.”, quando não se descompunha. (BARRETO, 1997a, p.185/6)

Por meio do apadrinhamento, um péssimo livro poderia, nas mãos de um jornalista, transformar-se numa obra de arte, ou vice-versa. Os elogios e as críticas independiam das palavras escritas, da literatura produzida. A “crítica (literária) não obedecia a nenhum sistema, não seguia escola alguma. As suas regras estéticas eram as suas relações com o autor, as recomendações recebidas, os títulos universitários, o nascimento, a condição social.” (BARRETO, 1997a, p.183)

Mesmo optando pelo ofício, Lima Barreto jamais se enquadrou aos parâmetros de intelectual da época, o “preço pago” por sua conduta foi viver “à margem” dos seus pares. Assim era a postura defendida pelo personagem M. J. Gonzaga e Sá:

Contudo não me julgo com a verdade. Deus me livre de tal coisa! Tanto mais que, tendo-me destinado a atividade bem diversa, não me afiz aos estudos que a literatura reclama. Não sei grego nem latim, não li a gramática do senhor Cândido de Lago, nunca pus uma casaca e não consegui até hoje conversar com um diplomata talhado. (BARRETO, 1997b, p.15)

Na postura do personagem está refletida a do escritor que não seguia regras e ou escrevia de acordo com a moda corrente.

---

<sup>3</sup> O processo de reorganização espacial e social que acontecia no Rio de Janeiro, na virada do século XX, não era um movimento isolado, mas presente em todo o país. É nesse momento que se inicia a transferência da população rural para a cidade, como nos mostra Gilberto Freire, *O “sobrado de esquina” ou “com porta para a rua” representa o máximo de aproximação entre o patriarcalismo em declínio e a rua já triunfal*. FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Decadência do patriarcalismo rural e desenvolvimento urbano. 5ªed., Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio/MEC, p.XLVI, 1977.

<sup>4</sup> As figuras de Machado de Assis e João do Rio, escritores mulatos contemporâneos de Lima Barreto, com estilos diferenciados de escrita conseguiram cunhar lugar de destaque social. Tal fato pode, em parte, ser explicado do seguinte modo, nas análises de Osman Lins: *Admirável, por exemplo, a coragem com que (Lima Barreto) assume a condição de negro, num país onde atuam, apesar dos disfarces, fortes preconceitos raciais; com que reconhece o desajuste radical entre o escritor e a sociedade, evidência que Machado procurou eludir e amenizar por todos os modos, fundando inclusive a Academia Brasileira de Letras*. In: LINS, Osman. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p.11.

Lima foi o primeiro literato a incorporar a fala coloquial em seus textos, tentando demonstrar como vivia e falava os sujeitos não contemplados pela literatura de então.

No entanto, o caminho para o reconhecimento social era íngreme. Nas palavras e na trajetória do personagem Isaiás Caminha estavam colocadas algumas possibilidades a se perseguir para alcançá-lo ou mesmo uma posição econômica mais favorável. Caminha, jovem mulato que sonhava ser poeta, ao conseguir um cargo de jornalista como favor, não mais consegue se desprender da rede de favores, única possibilidade encontrada pelo personagem para “vencer na vida”, esquecendo-se do antigo sonho, tornando-se, com o passar do tempo, um homem medíocre:

Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo, ao trabalho com a força de que era capaz. Sentia-me repelente, repelente de fraqueza, de falta de decisão e mais amolecido agora com o álcool e com os prazeres... Sentia-me parasita, adulando o diretor para obter dinheiro... / As minhas aspirações, aquele forte sonhar de minha meninice e eu não tinha dado as satisfações devidas. [...] A má vontade geral, a excomunhão dos outros tinha-me amedrontado, atemorizado, feito adormecer em mim o Orgulho, com seu cortejo de grandeza e de força. Rebaixara-me, tendo medo de fantasmas e não obedecera ao meu império. (BARRETO, 1997a, p.222)

No desenrolar do romance, as barreiras sociais não são ultrapassadas pelo personagem, mas sim incorporadas em seu viver cotidiano. Isaiás Caminha, mulato e pobre, somente adquiriu e permaneceu em melhor posição na redação do jornal por meio da adulação ao seu chefe. Diferentemente, a vida de Lima Barreto foi tentativa constante de rompimento do preconceito racial e social. Havia momentos em que o escritor sentia-se perdido, sem saber

quem realmente era, se merecia o tão sonhado reconhecimento intelectual ou se era apenas mais um mulato que se entregava ao vício do álcool e a uma vida de desencantos. Essa incerteza o fazia sofrer muito, deixando-o sem saber qual seria melhor opção de vida: abandonar o sonho de se fazer escritor reconhecido ou continuar com o infeliz cotidiano na Secretaria.

Os relatos em seus diários deixam claro que essa situação o angustiava, mesmo porque a sociedade a sua volta considerava-o “fracassado”. Situação que levava Lima a duvidar de seus sonhos e, conseqüentemente, de sua capacidade intelectual: “Estou com vinte e sete anos, tendo feito uma porção de bobagens, sem saber positivamente nada; ignorando se tenho qualidades naturais, escrevendo em explosões; sem dinheiro, sem família, carregado de dificuldades e responsabilidades.” (BARRETO, 1993, p.89)

Em sua existência Lima Barreto tornou-se figura pouco compreendida nos meios em que viveu. A incompreensão não estava apenas na rua, mas também dentro de sua casa. Provavelmente, por causa da pretensão intelectual do escritor, não conseguia relacionamento mais íntimo com seus familiares e sentia-se ainda mais como um “sem-lugar” no mundo.

Unindo a distância entre Lima e sua família, a pobreza do subúrbio em que morava e as constantes crises de loucura do pai, a permanência em sua casa tornava-se permanente desagradado. O escritor buscava nas ruas, nos bares e na literatura sua realização pessoal, caminhando pelos mais variados locais e travando relações com diversos tipos sociais.

A rua transforma-se em seu verdadeiro lar. Nela, Lima conhece todos os segredos e costumes. É nela que se faz ouvir, ser reconhecido, mesmo que não como almejava, mas freqüentando rodas de escritores menos conhecidos e, dessa forma, construindo seleto grupo de amigos e admiradores.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> O que não significa dizer que, ao longo de sua vida, sempre foi considerado um escritor medíocre, mesmo porque conquistou admiradores de renome. Exemplo disso é sua amizade com o escritor e editor de livros Monteiro Lobato.

O romancista buscou, dentro das possibilidades de seu tempo, na produção de sua obra ultrapassar fronteiras, repensar atitudes e valores, refletir sobre a situação em que se encontrava grande parcela da população menos privilegiada economicamente no Brasil, durante o período da Primeira República. Entretanto, alguns pesquisadores explicam a obra de Lima Barreto apenas como resultante do ressentimento deste em relação à política de exclusão e preconceito contra a população marginalizada e por não ter conquistado o lugar desejado como grande escritor. Esse olhar acabou reduzindo o caráter combativo de sua literatura.

Analisando os diários e romances de Lima Barreto, Beatriz Jaguaribe chama a atenção de como Joel Rufino caracterizou a obra de Lima Barreto como fruto de ressentimento, ao *fazer-se personagem de si mesmo*, sem, no entanto, promover nenhuma mediação entre a realidade e a imaginação, na medida em que Lima Barreto percebia o mundo ao seu redor apenas através desse (*res*)sentimento. Para Rufino, a vida do romancista foi uma grande seqüência de fracassos. Jaguaribe, ao buscar sair desse modelo esquemático de interpretação da relação vivência/obra, em muitos momentos de sua reflexão é apanhada pela mesma armadilha:

A escritura íntima de Lima Barreto revela a dialética do fracasso. “A vida de Lima Barreto foi, com efeito, um sumário do “fracasso” do escritor de prosa realista, do crítico que articulava a literatura como documento social na missão reivindicatória de uma cidadania para os despossuídos da cidade. Se a escritura explicitamente ficcional dos romances almejava pichar o protesto nas fachadas acadêmicas da cidade letrada, a escritura íntima desdobra-se como um lamento e uma purgação da distância entre o que o Lima Barreto escritor desejava projetar e a resposta crítica que o meio social lhe propiciou. (JAGUARIBE, 1998, p.63)

Para essa autora, os escritos de Lima Barreto permanecem em

dois campos de tensão: o que atinge o seu íntimo (diário) e o público (romance), porém o fracasso é revelado de modo amplo no primeiro. No entanto, as não-vitórias devem ser relativizadas. O momento não era para a exposição de pensamentos diferentes daqueles provenientes dos dirigentes da sociedade. Contudo, Lima tecia ácida crítica contra eles. Ao atentarmos para a vida desse escritor, acreditamos que houve várias vitórias, como, por exemplo, ter conseguido publicar a maioria de seus romances, mesmo que a publicação não tenha lhe dado grande retorno financeiro. Além disso, ele foi um assíduo colaborador em jornais e revistas do Rio de Janeiro.

Se sua vida fosse constituída apenas por fracassos, sua inserção social não teria se realizado. Mesmo à revelia dos intelectuais, Lima conseguiu trazer à tona o relato dos sujeitos marginais e de sua insatisfação com os rumos tomados pela República. Pensou de maneira única a identidade desses marginais, mostrando-os como agentes ativos em seu cotidiano, tarefa demasiadamente difícil. Lins aponta interessante reflexão sobre a obra de Lima Barreto:

Lima Barreto não combate em benefício próprio; os preconceitos e as injustiças despertam sua ira pelo que não são, e não pelo fato de atingirem *a ele*. Longe de ser – e só isto – um ressentido ele é um lutador, um escritor consciente das desigualdades, das degradações de natureza ética e estética, um ser humano cheio de fervor, sonhando um mundo menos estúpido e clamando até a morte – sem meios termos, sem frieza, assumindo posições claras, com truculência, com cólera – a sua verdade. (Grifos do autor) (LINS, 1976, p.25)

Essa análise proporciona visão mais abrangente da produção de Lima Barreto que não se fecha na vida do escritor e alcança o contexto social mais amplo, ou seja, o meio e o tempo em que ele vivia. Ao produzir sua obra, pensava não apenas em seus fracassos, mas na dinâmica social na qual grande parte da

população era sacrificada em benefício de poucos. Seus romances procuraram trazer à tona reflexões sobre os caminhos tomados pela recém-criada República, procurando chamar a atenção do público para a necessidade da reação do povo, com vistas a construir uma sociedade mais justa para todos.

Por tudo isso, ao se analisar a vida/obra de Lima Barreto, ressaltamos a necessidade de se considerar a mediação entre as mazelas presentes em seu cotidiano, sua resistência frente às mesmas e a busca pelo bem-estar coletivo. Não se pode negar que a exclusão sofrida pelo escritor muito contribuiu para seu desalento pessoal, mas este fato também foi criticado com ironia e irreverência.

Ao analisar a produção de Lima, Nicolau Sevcenko (1993, p.193) chama a atenção para o fato de que o autor “não estava preocupado em fornecer sonho ou analgésicos para as dores de seus personagens ou leitores” e sim em conferir voz às falas silenciadas pelo ideal de modernidade brasileira, que violava direitos e sonhos das classes populares.

Ao refletir sobre os problemas da nação brasileira, Lima Barreto tinha convicção de que as instituições republicanas deveriam passar por mudanças, principalmente com respeito à contenção do avanço da corrupção na burocracia. Acreditava serem necessárias mudanças estruturais e funcionais no Estado que, na maioria das vezes, contratava e promovia funcionários não de acordo com as necessidades reais, mas em troca de favores que beneficiavam amigos ou familiares. Essa troca de benesses era pautada sobretudo na cordialidade e não visava a melhoria social e econômica da coletividade. Essa realidade era presenciada por Lima em seu cotidiano na Secretaria onde trabalhava.<sup>6</sup>

Para Lima Barreto, a literatura foi alegria e desalento ao mesmo tempo. Ele, então, *casa-se com ela*, e a faz ao longo de sua vida a companheira mais fiel, dedicando-lhe sua existência. Porém, também foi por causa da literatura que Lima Barreto sofreu suas maiores tristezas. O silêncio<sup>7</sup> de muitos críticos/escritores que se recusavam a falar do irreverente escritor, contribuiu, em certa medida, para que sua produção literária fosse esquecida por muito tempo, mas não conseguiram silenciá-la completamente.

### LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL – A CONSTRUÇÃO DA SOLIDARIEDADE ENTRE OS HOMENS

Lima Barreto foi marginalizado no meio intelectual e em seu trabalho na Secretaria, porém, foi andando pelas ruas do Rio de Janeiro, pelo centro, arredores e beira-mar que se projetou como arguto conhecedor do cotidiano da cidade, colocando-se como observador atento às transformações sociais, políticas e econômicas que a República promovia.

É, então, na literatura que Lima Barreto encontra sua liberdade de ação/pensamento. Na visão do romancista a literatura poderia transformar as relações político-sociais travadas em sua contemporaneidade. Neste sentido, as análises de Stella Bresciani sobre a relação que Germaine de Staël estabelece entre o foro íntimo e as ficções literárias são intrigadoras. Staël reflete sobre a relação leitor/obra e a formação da identidade nacional no campo da liberdade, ou seja, no foro íntimo (BRESCIANI, 2002, p.31/46).

Avançando no caminho proposto por Germaine de Staël é que se problematiza a relação entre Lima Barreto e sua obra. É

<sup>6</sup> Em 27 de outubro de 1903 Lima Barreto assume o posto de amanuense na Secretaria de Guerra, permanecendo no cargo por 16 anos.

<sup>7</sup> Silêncio expresso, por exemplo, nas análises de Bernardo Mendonça: “Recordações do Escrivão Isaías Caminha, o romance de estréia, em 1909 – uma sátira ao Correio da Manhã, o mais influente jornal carioca da época, com que esperava produzir impacto - é recebido por um silêncio hostil. Numa e Ninfa, de 1915, outro romance baseado em figuras reais, dessa vez do meio político, também repercutiu muito aquém das expectativas”. MENDONÇA, Bernardo, “Prefácio”. In: Barreto, *Um longo sonho do futuro*, p.XVII.

possível afirmar que o romancista liberta-se de todas as regras sociais punitivas, instigando-nos para, a partir de seus escritos, pensar a literatura como forma de (re)ação. É, então, com seus escritos que Lima se promove enquanto cidadão ativo e reflete sobre os sentimentos de nacionalidade/identidade, conclamando os mais diferentes cidadãos a comungar dessa mesma ação. Não se limitou, pois, a pensar numa ação particular, mas sim que atingisse o geral, pois assim, seria possível pensar/realizar uma efetiva transformação social. O alicerce seria sentimentos como a solidariedade, o amor e o respeito ao próximo, o que levaria os cidadãos brasileiros a novas vivências político-sociais, iniciadas em seu íntimo.

No dizer de Bresciani, para Staël, que escreve em plena Revolução Francesa, o foro íntimo torna-se um espaço extremamente caro, sendo um “tribunal secreto”, onde a violência não poderia penetrar, ou seja, “o refúgio da liberdade” e, por isso, portador da possibilidade de “tornar-se espaço aberto para a educação”. A escritora acreditava na construção de uma nova sociedade com base na razão, sendo possível “o progresso e o aperfeiçoamento do espírito humano”. A formação do cidadão para a República se realizaria por meio da “aliança entre a imaginação e a paixão”.

Sendo os sentimentos e a imaginação terreno fértil para a formação de uma nova cultura política, tão necessária à formação do cidadão na república, as ficções literárias, ganham, na argumentação de Staël, papel importante nesse processo de formação, pois possuía como missão unir o campo da razão e dos sentimentos para a construção do novo imaginário, trilhando um caminho livre da violência no foro íntimo, não sendo por isso, traído de forma alguma:

Graças aos argumentos habilmente introduzidos pelos literatos na trama da mesma narrativa, os princípios da moral e os ensinamentos da virtude penetrando os recantos mais secretos do coração comovem-

no: a impressão produzida no leitor permanece para sempre aí inscrita como sentimento. (BRESCIANNI, 2002, p.43)

Germaine de Staël, no dizer de Bresciani, (2002, p.43) pensa na construção da nova sociedade em meio ao “equilíbrio” entre a razão e o sentimento, pois é “no silêncio do recolhimento que debatemos com nossa razão e os sentimentos por nós experimentados”. Seguindo o caminho proposto por Staël, a formação dos cidadãos da república francesa, se faria por meio de seu foro íntimo, pautado nos ideais republicanos, levando-o a uma formação “completa”, pois, não sendo a identificação com esse ideal imposto, cresceria dentro de cada ser criando raízes mais profundas.

Lima Barreto também acreditava na formação dos sujeitos tendo por base os sentimentos instigados pela literatura, que no seu entender era portadora e idealizadora de um projeto de transformação social e política. Nesse sentido, a transformação se realizaria através dos sentimentos, os mais elevados possíveis, alicerçados na felicidade dos homens, tendo como fim um bem maior, o coletivo. A literatura possuía uma grande missão, quase divina, que era:

[...] comunicar umas almas às outras, é dar-lhes um perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para a conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. (BARRETO, 1993, p.393)

Lima Barreto acreditava que o sentimento de solidariedade instigado pela literatura teria o poder de transformar os homens (sobretudo os marginalizados brasileiros) em sujeitos ativos na construção de sua própria história. A literatura serviria como elo de conexão entre os homens, que possibilitaria que se vissem como pessoas iguais. Neste sentido, todos os cidadãos,

independente de sua cor e posição social seriam merecedores do mesmo tratamento dispensado pelo Estado e por seus pares. Com isso, romper-se-ia as relações de preconceito e novas experiências sociais e políticas seriam experimentadas no convívio social:

A Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos: e por aí, nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim. O amor sabe governar com sabedoria, e acerto, e não é á toa que Dante diz que ele move o Céu e a alta Estrela. (BARRETO, 1993, p.394)

Em suas narrativas literárias não havia espaço para meias verdades. A intenção era fazer com que a solidariedade rompesse com todos os preconceitos, restituindo aos homens e mulheres pobres e aos negros o direito de igualdade perante o restante da sociedade.

Lima Barreto parte da idéia de que o amor era o sentimento que deveria comandar todas as ações humanas, pois as relações sociais deveriam pautar-se na justiça e não no convencionalismo, impeditivo do progresso e da busca do aperfeiçoamento entre as relações humanas. A literatura deveria fomentar essa nova atitude entre os homens, sendo o germe da mudança. Mas não seria qualquer literatura, e sim uma que refletisse sobre a realidade brasileira e, a partir daí, estimulasse as pessoas para saírem do marasmo em que se encontravam, ou seja, perceberem-se como sujeito/cidadão ativo e, a partir de então, iniciar a mudança. O personagem Gonzaga e Sá revela a força que acredita possuir a literatura: “Se me fosse dado ter o dom completo de escritor, eu havia de ser assim, um Rosseau, ao meu jeito, purgando a massa

um ideal de vigor, de violência, de força, de coragem calculada, que lhe corrigisse a bondade e a doçura deprimente”. (M.J. Gonzaga e Sá, p.81). A literatura serviria para construir outra sociedade, não nos moldes até então trilhados, infrutíferos, causadores de sofrimento e humilhação à grande parte da população.

Tanto para Lima Barreto como para Germaine de Staël, os sentimentos instigados pelas ficções literárias, funcionariam como formadores de nova dimensão utópica da sociedade, podendo esta ser apresentada aos sujeitos como elemento modificador de conduta e de concepção de vida.

Lima Barreto produziu uma literatura de reflexão sobre as primeiras décadas do período republicano no Brasil de maneira singular. Nesse momento os instrumentos ideológicos de indução ao sentimento de nacionalidade se fazem presentes em todos os lugares e constituem-se como parte da realidade dos cidadãos. Pensar no projeto de literatura e da transformação da sociedade presentes nas obras de Lima Barreto significa buscar novos caminhos para a sociedade brasileira pautados em sentimentos/sensibilidades e na re-criação de uma realidade, até então erguida numa matriz de exclusão e de violência.

Em seus romances o escritor criticou os abusos da intelectualidade de sua época, em parte conivente com a transformações sociais geradas pelo advento da República, por não produzir uma literatura com preocupações sociais, dando visibilidade aos problemas que emergiam na consolidação dos ideais de modernidade no Brasil. Não se preocupavam com a possibilidade de promover re-ações no cotidiano opressor das classes marginalizadas:

A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não possa verificar a verdade de suas criações. No mais é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil a se desenvolver por este tema



sempre o mesmo: dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o doutor Frederico. O comendador seu pai não quer [...] Está aí o grande drama de amor em nossas letras e o tema do ciclo literário. Quando tu verás na tua terra um George Eliot, um Tolstoi, gigantes destes em que a força de visão, o ilimitado da criação não cedem o passo à simpatia pelos humildes, pelos humilhados, pela dor daquelas gentes donde às vezes não vieram. (BARRETO, 1997b, p.81)

Percebendo as transformações de seu tempo, o romancista reclamava por transformações no campo das idéias, mas que literatos e políticos, responsáveis diretos pela organização do novo Brasil, desconsideravam, estando apenas empenhados em consolidar sua posição hegemônica classista no poder.

A transformação da sociedade para atender aos anseios dos mais diferenciados grupos sociais não era sequer cogitada por eles. Com a instauração da República não houve, também, ruptura no projeto literário do país. O personagem Gonzaga e Sá instiga alguns questionamentos sobre essa realidade:

Tenho, pesar de mim, uns longes de patriotismo e, quando vejo que aquilo, o Lírico, a condensação da fina flor é a mesma coisa de há quarenta anos passados, fico abatido. São os políticos sem idéias, são os mesmos sábios decoradores de compêndios estrangeiros e sem uma idéia própria, são os mesmos literatos de coisa de cotillon, os mesmos agiotas... Há quarenta anos era assim, não mudou. Serão sempre assim? (BARRETO, 1993, p.97)

A passagem revela a busca dos literatos “oficiais” pela conservação das mesmas personalidades no poder, seja ele ligado ao âmbito social, político ou econômico. Em consequência, as relações de cordialidade e apadrinhamento acentuavam-se cada vez, criando raízes profundas nas relações travadas na sociedade.

A literatura, mas não apenas ela, pois foram vários os valores

e costumes que se instalaram no Brasil recebia, nesse momento, forte influência estrangeira, pois eram inspirados em parâmetros franceses e, mais tardiamente, americanos. Os escritores e os governantes procuravam modelos internacionais como forma de modernizar e civilizar a sociedade. Aqui, essas experiências foram re-elaboradas de acordo com a realidade presente, tendo como características o culto aos letrados e a preocupação em moralizar os costumes e valores dos grupos populares.

Esse fato, ao longo do processo de consolidação da República, implicou na formação de uma Nação que não se preocupou igualmente com a formação de todos os cidadãos, sendo que os sujeitos marginais, negros, mulatos e pobres foram esquecidos na maior parte das narrativas literárias e nas ações políticas produzidas/realizadas naquele momento.

Uma das vias possíveis da (re)-ação para a situação que se consolidava, de acordo com o pensamento de Lima Barreto, seria quando escritores e políticos incorporassem em suas ações as vozes e os anseios dos mais variados tipos sociais. Entretanto, essa possibilidade estava distante. A trajetória intelectual de Lima Barreto torna-se, então, uma amostra de como os intelectuais da República tratavam os literatos que não compactuavam com sua forma de escrever e falar sobre o Brasil:

Hoje, pus-me a ler velhos manuscritos do *Mercur de France*. Lembrome bem que os lia antes de escrever meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso! Despeço-me de um a um de meus sonhos. Já prescindindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte. (BARRETO, 1993, p.119)

Há, presente nesse relato, a trajetória de um intelectual, então com trinta e três anos, que não conseguiu inserir-se nos meios sociais. O relato é sofrido, sendo marcante o desalento e a entrega ao vício. A subjetividade de Lima Barreto foi construída pela ebulição de sentimentos diversos, pois ele viveu num momento de consolidação de um novo ideal de sociedade brasileira, pertencendo a um momento de crise social, refletida não só em sua vida íntima, mas também nas relações travadas na rua e na literatura que produziu.

A trajetória de vida de Lima Barreto não pode ser analisada apenas no que diz respeito à marginalização sofrida, quer dentro do meio intelectual, quer nas vacâncias, no trabalho e na família, pois ele era antes de tudo, um cidadão da República que se formava e como tal pertencia à cidade em que vivia. Seu espaço foi sendo demarcado em sua escrita, na sua preocupação com a necessidade de transformação política, social e econômica da sociedade.

Talvez, por isso, há, em Lima Barreto, o reconhecimento de que a arte literária era construída por sentimentos, ou seja, ela se fazia por meio da revelação mais pura das sensibilidades de cada escritor. Em seu entendimento para se fazer a verdadeira arte literária era importante “ter as paixões, as emoções para exprimi-las em verso; dramaturgo, comediógrafo, romancista, da mesma forma: os costumes, as paixões, os sofrimentos, as emoções, o entrechoque delas no cenário do mundo”. (BARRETO, 1993, p.87)

Na concepção de Lima Barreto, a literatura era um instrumento importante para a realização de um futuro mais justo para todos. Essa premissa o fez totalmente diferente dos intelectuais de seu momento e colocou-o numa posição de destaque, como já dito anteriormente, entre esses pensadores, uma vez que se preocupava de fato com um novo sentido para as relações humanas travadas naquela contemporaneidade:

Atualmente nesta hora de tristes apreensões para o mundo inteiro, não devemos deixar de pregar, seja como for, o ideal de fraternidade,

e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles. / E o destino da Literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda mais uma vez a sua grande missão divina / Com quanto não se saiba quando ele será vencedor; conquanto a opinião internada no contrário cubra-nos de ridículo, de chufas e baldões, o heroísmo dos homens de letras tendo diante dos olhos o exemplo de seus antecessores pede que todos os que manejem uma pena não esmoreçam no propósito de pregar esse ideal. (BARRETO, 1993, p.394)

Lima Barreto conclama todos os literatos para serem os protagonistas da grande missão da transformação social da literatura e de levar o ideal de fraternidade e justiça a todos os homens, independente dos resultados alcançados. Todos são chamados para contribuir nessa nova etapa da vida brasileira, mas o caminho poderia ser de poucas glórias, o que deveria ser superado pela crença na vida com mais justiça e igualdade. O bem seria plantado na sociedade brasileira para render um longo futuro de vitórias.

Ao refletir sobre a dinâmica da história brasileira, Lima Barreto não a percebe com um passado/presente glorioso, pois muitos sujeitos ainda sofriam com os erros cometidos. No entanto, para o escritor, o Brasil era uma Nação que possuía por dever construir um futuro melhor. Neste sentido ressalta: “O Brasil é o mais complexo na ordem social e econômica, no seu próprio destino, do que Portugal. A velha terra lusa tem um grande passado. Nós não temos nenhum, só temos o futuro. É dele que a nossa literatura deve tratar, da maneira literária”. (BARRETO, 1956b, p.72)

Na visão do romancista a literatura deveria tratar o Brasil e suas potencialidades de forma aberta, sem preconceitos, contemplando a inserção de todos os sujeitos nos aspectos sociais, políticos e econômicos, a fim de conscientizar os governantes e as elites a realizar ações concretas que visassem o bem geral. Lima Barreto concebe, então, a arte da escrita como

importante veículo de criação/transmissão do ideal de cidadania, em seu sentido pleno.

Num contexto mais amplo, a obra de Lima Barreto registra a semelhança da experiência dos vários sujeitos sociais, impregnados de novos significados, com as concepções de vida criadas pelo ideário republicano e narra o modo de vida das pessoas comuns, de trabalhadores em funções marginais. O novo estilo de vida e de organização econômica, política e social teve como desfecho a marginalização e a exclusão da população economicamente menos privilegiada.

Enfim, a literatura de Lima Barreto deixa fluir várias questões que emergem na vivência da sociedade brasileira do início do século XX e problematiza duas situações distintas – a crise dos valores da sociedade moderna/republicana e a preocupação social que, em certa medida, significava a inclusão dos mais variados tipos sociais na literatura e tentativa de rompimento com a tradição conservadora da sociedade, na qual os segmentos sociais menos privilegiados não possuíam espaço para se consolidarem como cidadãos iguais e livres.

As variadas situações que Lima Barreto capta de seu cotidiano

para construir as narrativas que compõem sua obra não são apenas a materialização do mundo dos sonhos, mas as possibilidades de construção de uma nova realidade nacional. Nessas narrativas, Lima retrata a ânsia dos excluídos por uma vida melhor e mobiliza a esperança dos sujeitos sonhadores em busca de um projeto social que satisfizesse as necessidades e os desejos nacionais.

Por meio das personagens: Policarpo Quaresma, Clara dos Anjos, Isaías Caminha, Cassi Jones, Gonzaga e Sá e outros percebemos a trajetória de cidadãos que lutaram pelos seus ideais e interesses. Mesmo que em alguns momentos excluídos do sistema econômico e político, não se calaram frente às injustiças sociais. Várias foram as vivências que conseguiram transpor as barreiras de cor e posição social, criando formas diferenciadas de inserção na vida política e social do Brasil. Situação que reflete a vida e a atuação de Lima Barreto enquanto cidadão atuante e disposto a transpor as barreiras sociais e econômicas de seu tempo. Se em alguns momentos identificamos sua posição como marginal no meio social e intelectual, também é marcante sua luta em favor de novos olhares sobre a trajetória dos mais diversos sujeitos sociais.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Biblioteca Folha 18, 1997a.
- \_\_\_\_\_. *Vida e Morte de M.J Gonzaga e Sá*. São Paulo: Ática, 1997b.
- \_\_\_\_\_. *Diário Intimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956a.
- \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. Crítica. São Paulo: Brasiliense, 1956b.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto 1881-1922*. 7ª ed., Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1988.
- BOTELHO, Denilson. *A Pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão Editoração, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella. O poder da imaginação: do foro íntimo aos costumes políticos. In: *Razão e paixão na política*. SEIXAS, Jaçy A. e BREPOHL, Marion (org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Decadência do patriarcalismo rural e desenvolvimento urbano. 5ªed., Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio/MEC, 1977.
- JAGUARIBE, Beatriz. Subjetividades urbanas em Pompéia, Machado e Lima Barreto. In: *Fins de Século: cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- SEVECENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na 1ª República. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.